

# Estelas antropomórficas de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova)

Francisco Henriques<sup>a,®</sup>, João Caninas<sup>b</sup>, Carlos Neto de Carvalho<sup>c</sup>, e Mário Chambino<sup>d</sup>

<sup>a</sup>Arqueólogo, Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

<sup>b</sup>Arqueólogo, AEAT e CHAIA (Universidade de Évora) [geral@emerita.pt](mailto:geral@emerita.pt).

<sup>c</sup>Geólogo, Serviço de Geologia da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO e AEAT. [carlos.praedichnia@gmail.com](mailto:carlos.praedichnia@gmail.com)

<sup>d</sup>Licenciado em História, AEAT. [mario.chambino@gmail.com](mailto:mario.chambino@gmail.com)

® Contacto: [fjrhenriq@gmail.com](mailto:fjrhenriq@gmail.com)

## Resumo

Documenta-se uma estela de contorno antropomórfico, em quartzo leitoso filoniano, convertida em banco, ao ar livre, no espaço público da aldeia de Soalheiras (freguesia de Rosmaninhal e município de Idanha-a-Nova). Por critérios estilísticos advoga-se uma cronologia pré-histórica para esta peça. A este achado, recente, associam-se duas outras estelas, igualmente antropomórficas, encontradas há alguns anos no decurso de intervenções arqueológicas em sepulturas megalíticas (Poço do Chibo e Cabeço da Forca) situadas no mesmo território. A estela de Soalheiras merece realce pela excecionalidade da utilização de uma rocha de elevada dureza para manufatura de um contorno de simbologia antropomórfica.

## Palavras-chave

Estela antropomórfica | megalitismo | Neolítico Final | Idanha-a-Nova

## Abstract

A stele with an anthropomorphic outline, made of hydrothermal milky quartz, and recently converted into a bench placed in the public space of the village of Soalheiras (parish of Rosmaninhal and municipality of Idanha-a-Nova), is documented. Due to stylistic criteria, a prehistoric chronology is advocated for this piece. This recent find is associated with two other stelae, equally anthropomorphic shaped, found a few years ago during archaeological interventions in megalithic tombs (Poço do Chibo and Cabeço da Forca) located in the same territory. The Soalheiras stele deserves to be highlighted for the exceptional use of a hard rock to manufacture a anthropomorphic contour and symbolism.

## Keywords

Anthropomorphic stele | megalithism | Late Neolithic | Idanha-a-Nova

## 1. Introdução

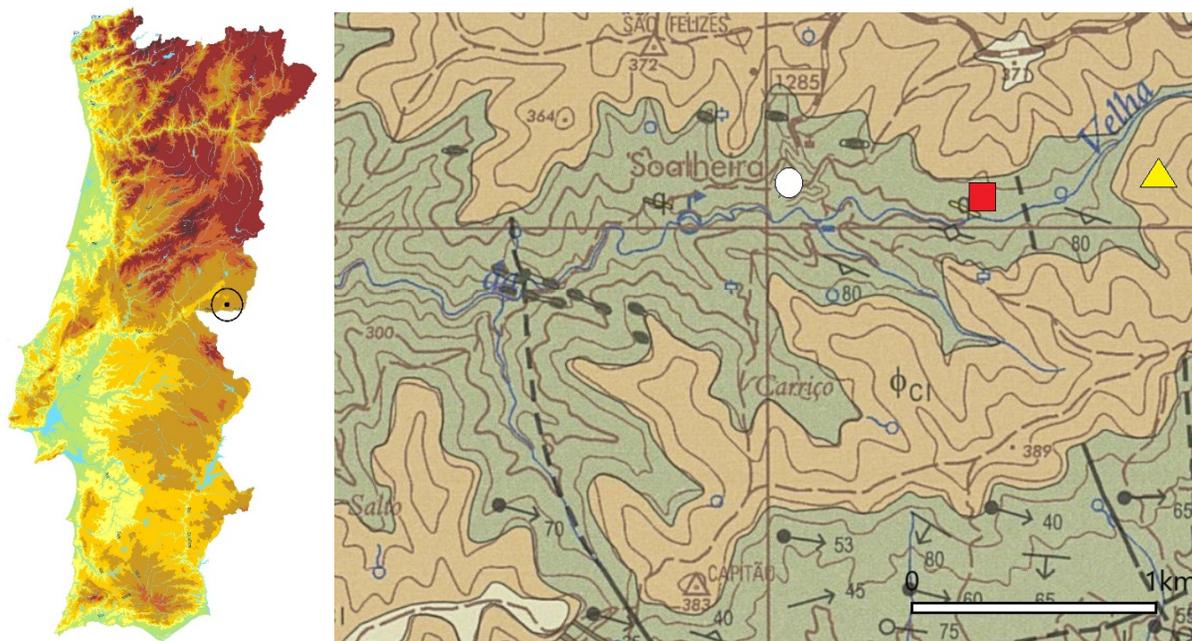
No verão de 2021, durante uma visita a Soalheiras (Figura 1), um dos signatários (Mário Chambino) identificou um banco público formado por bloco de quartzo leitoso, de configuração incomum (Figura 2a). Algum tempo depois fez nova visita para esclarecer dúvidas suscitadas por este achado, para falar com residentes e para verificar a existência de outros exemplares. Na segunda visita identificou outro bloco (Figura 2b) com características semelhantes e idêntico uso, como banco em espaço público, ao lado de um outro banco em madeira. Numa terceira visita, executada pelos signatários, para caracterização geológica e arqueológica dos achados, foi observado outro bloco idêntico àqueles (Figura 2c).

Os dois primeiros blocos servem de assento em espaços de descanso na via pública. Estão em posição horizontal, apoiados em blocos de idêntica natureza, mas de menores dimensões e de forma distinta, entre *tabular* e *esférica*. O primeiro está adossado ao muro exterior da Casa dos Louros, na Rua do Calacu, o segundo situa-se em jardim público, a algumas dezenas de metros de distância do primeiro. Estes assentos terão sido criados com o propósito de aumentar o número de lugares sentados. Estas peças não foram identificadas em estudos anteriores (desde Henriques *et al.*, 1993), porque foram colocados em data recente, aquando de obras de melhoramento da aldeia.

Soalheiras é um pequeno povoado da freguesia de Rosmaninhal, situado na parte meridional do município

de Idanha-a-Nova (Figura 1b). Localiza-se a WSW da sede de freguesia (Rosmaninhal), num vale com orientação geral ENE-WSW, sobre substrato geológico antigo do Grupo das Beiras, entre as plataformas detriticas do Cenozóico, de São Felizes (372 m), a norte, e de Capitão (383 m), a sul. Rosmaninhal foi sede de município de 1510 a 1836, tendo sido anexado nesse ano a Salvaterra do Extremo e com a extinção deste concelho, em 1855, passou a integrar o município de Idanha-a-Nova.

**Figura 1.** Localização (a) sobre mapa hipsométrico (fonte: [www.guiadeportugal.pt](http://www.guiadeportugal.pt)) e sobre (b) extrato da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50000 (Romão *et. al.*, 2010).



O círculo branco marca a localização atual dos blocos citados no texto, com destaque para estela antropomórfica, em (Soalheiras), o quadrado vermelho a proveniência direta da estela inserida em muro de propriedade e o triângulo amarelo indica a posição da mamoa de Marota, como hipotética origem da estela em contexto pré-histórico.

O primeiro bloco identificado em Soalheiras foi qualificado, quanto à tipologia, como *estela antropomórfica*. O conceito de estela, como monumento “*comemorativo, evocativo ou sinalizador de alguma circunstância ou realidade religiosa ou profana*” (Jorge, 1989) é muito lato. Deste modo, de entre a variada nomenclatura aplicável a monólitos, deste tipo (estela antropomórfica, estela-menir, estátua-menir, estátua-estela e outros), parece mais adequado o recurso ao conceito, composto, de *estela antropomórfica*, uma vez que se observam caracteres antropomórficos, mesmo que reduzidos ao simples esboço do contorno da cabeça, na ausência de elementos iconográficos mais explícitos (olhos, nariz, boca, adornos, armas, vestes ou outros), ou seja, com “*uma ténue representação antropomórfica esculpida, não possuindo qualquer tipo de gravação indicativa da figura humana*” (Sousa, 1996:13). O segundo e o terceiro exemplares são de qualificação duvidosa.

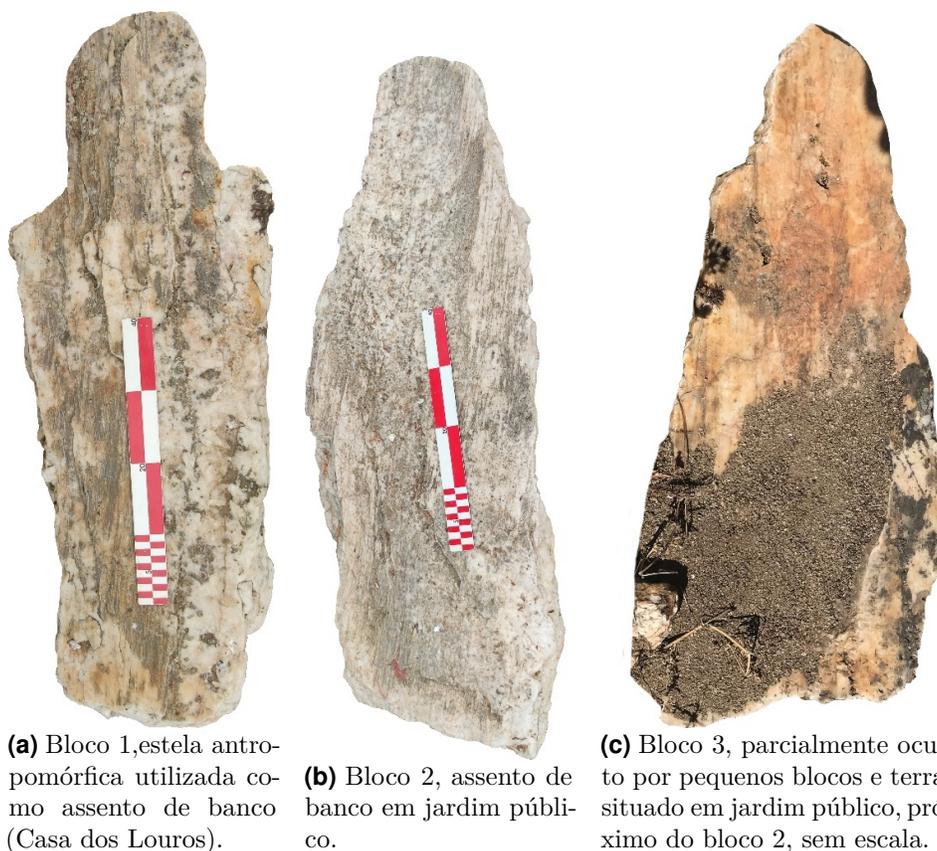
A litologia destes blocos, o quartzo filoniano, de cor branca, vulgarmente designado quartzo leitoso, e a sua dureza, 7 na escala de Mohs, justificam o caráter excecional e singular desta descoberta. Na década de 90 do século passado foram identificadas, nesta freguesia, outras estelas antropomórficas, no decurso de intervenções arqueológicas em sepulturas megalíticas, mas que se diferenciavam dos exemplares de Soalheiras por utilizarem rochas metassedimentares locais.

Estabeleceram-se como objetivos, avaliar o interesse arqueológico destes blocos, identificar o seu contexto anterior ou primário, comparar com exemplares equiparáveis e divulgar os resultados obtidos, face ao caráter excecional da utilização de quartzo leitoso.

Para o atingimento destes objetivos são devidos agradecimentos a José António Moita, curador da Sala de Arqueologia do Museu Geológico (LNEG), a Fernanda Torquato e Dina Pinheiro bibliotecárias do acervo de

Arqueologia do Património Cultural Instituto Público (Lisboa) e a José Branco e Manuel Torres, residentes em Soalheiras (Idanha-a-Nova).

**Figura 2.** Blocos laminares em quartzo leitoso identificados em Soalheiras.



**(a)** Bloco 1, estela antropomórfica utilizada como assento de banco (Casa dos Louros).

**(b)** Bloco 2, assento de banco em jardim público.

**(c)** Bloco 3, parcialmente oculto por pequenos blocos e terra, situado em jardim público, próximo do bloco 2, sem escala.

## 2. Enquadramento geológico

Soalheiras fica situada numa encosta da margem direita do Ribeiro da Velha que drena para ocidente, sendo afluente do rio Aravil, afluente do Rio Tejo. No vale do Ribeiro da Velha afloram unidades metassedimentares precâmbrias da formação de Rosmaninhal (integrante no Grupo das Beiras), representadas a cor verde na Figura 1b. Estas unidades são compostas predominantemente por filitos argilosos com intercalações de camadas de metagrauques e raros metaconglomerados. Estas rochas foram sujeitas a forte deformação tectónica compondo um pequeno antiforma que faz parte do grande sinclinal de Rosmaninhal-Monforte da Beira (Romão *et al.*, 2010). As camadas metassedimentares apresentam-se na envolvente a Soalheiras com uma orientação NW-SE e mostram, normalmente, fortes inclinações. Estas rochas metassedimentares são a base da arquitectura tradicional que subsiste em Soalheiras (Figura 3a).

Os filões de quartzo leitoso afloram em concordância com a disposição das camadas no vale do Ribeiro da Velha (identificado com a letra *q* na Figura 1b). Apresentam espessuras variáveis, de alguns centímetros a alguns metros e podem ser compostos por cristais com vários centímetros de comprimento. Estes filões serão a origem dos blocos de quartzo leitoso agora em estudo. Estas massas monominerálicas compostas exclusivamente por cristais de quartzo sem uma definição cristalina (anédricos), ou com formas cristalinas mal definidas (subeuédricos), resultam da injeção de fluídos quentes ricos em sílica e do arrefecimento

rápido com a cristalização do quartzo, em fendas de tração ou entre camadas, durante o processo tectónico que levou à deformação e metamorfismo das rochas argilo-areno-conglomeráticas que constituem a formação de Rosmaninhal.

**Figura 3.** Construções em pedra em Soalheiras.



**(a)** Arquitetura tradicional em rochas metassedimentares com aplicações de quartzo leitoso.



**(b)** Espaço público delimitado com blocos de quartzo leitoso.



**(c)** Bloco 1, estela antropomórfica (Casa dos Louros).



**(d)** Bloco 2, assento de banco em jardim público.

Os topos dos relevos envolventes apresentam uma cobertura sedimentar cenozóica, discordante sobre as rochas metamórficas arrasadas pela erosão (representada a laranja e a amarelo na Figura 1b), composta por arcoses e conglomerados onde predominam os clastos de quartzo mal calibrados, sub-angulosos a sub-rolados, de dimensões inferiores a 20 cm. Estes sedimentos têm uma cor amarelada a esverdeada e apresentam-se pouco consolidados. Estas unidades constituem uma paisagem sedimentar detrítica muito aplanada, às cotas de 370-380 m, que se preserva nos interflúvios. O marco geodésico de São Felizes, a 372 m de altitude, corresponde ao ponto mais elevado da encosta de Soalheiras, situado poucas centenas de metros a NNW desta povoação.

### 3. Os blocos de quartzo leitoso no espaço público de Soalheiras

Os monólitos que são objeto deste breve estudo têm calibre de bloco, na escala de Wentworth, e forma laminar, na classificação de Zingg (Figura 2).

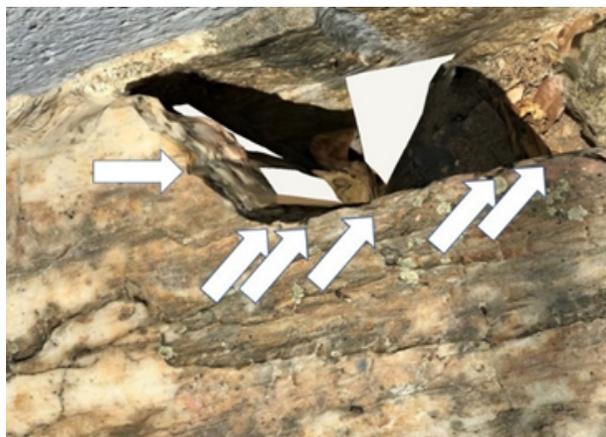
Os blocos de quartzo leitoso têm uma presença extensiva na aldeia de Soalheiras. Fora ou dentro de propriedades é comum encontrar um ou mais blocos a servirem de assentos. Ocasionalmente, observam-se blocos de quartzo aplicados nas paredes das casas tradicionais (Figura 3a), o que evidencia a sua abundância e fácil obtenção.

Na Rua dos Alares existe um espaço público decorado com vários blocos de quartzo (Figura 3b). Segundo informação que nos foi transmitida pelo senhor Manuel Torres (Solheiras), os blocos foram colocados, há alguns anos, naquele espaço e também junto das entradas de diversas casas da aldeia, a servirem de assentos, por um emigrante, a viver nas imediações. Observam-se blocos de quartzo filoniano com mais de 50 cm de eixo maior, sem evidências de rolamento, e outros de dimensão decimétrica de quartzo sub-rolados, certamente provenientes de linha de água (Ribeiro da Velha).

O bloco 1, de maior interesse pela morfologia de manufatura antrópica que evidencia, está em posição horizontal, encostado à parede frontal de uma moradia na Rua de Calacu (Figura 2a) e integra um conjunto de dois assentos sobre blocos de quartzo leitoso. Este monólito tem contorno sub-retangular e a extremidade superior ou topo (na perspetiva de uma colocação, primária, a pino), apresenta dois entalhes laterais que lhe conferem uma configuração antropomórfica de contorno arredondado, configurando cabeça e ombros. Quanto às dimensões tem: 101 cm de comprimento máximo, 78 cm de comprimento entre a base e os ombros e 23 cm de altura na cabeça; 11 cm de espessura na base e 13 cm na cabeça; 27 cm de largura na base e 37 cm ao nível dos ombros. A superfície maior, ou face superior, na posição atual (assento), mostra-se estriada. Essas estrias são resultantes de movimentos tectónicos ocorridos ao longo da fenda onde o quartzo cristalizou. O facto dessas estrias se mostrarem bem preservadas demonstra que o bloco foi removido do afloramento por ação humana, sem que tenha havido qualquer processo erosivo produzido por água ou outro agente natural, após esse destaque. A caracterização (arqueológica) deste bloco será retomada em apartado seguinte.

O modelo fotogramétrico desenvolvido com o software Polycam permite ter uma perspetiva tridimensional do bloco 1 (Figura 4a). Os bordos mostram perfil irregular, mas com um forte ângulo de perfil e arestas vivas. Os bordos são ligeiramente arredondados em função da forma dos cristais e, assim, poderão ser de origem natural. Mas as arestas são ainda mais vivas e os bordos verticais, no contorno antropomórfico, em forma de cabeça. Observando os bordos ao pormenor identificam-se marcas de impacto de pequenas dimensões com uma distribuição sequencial, que aparentam estar relacionados com o desbaste individual dos cristais de quartzo para obtenção de um perfil mais arredondado e regular. Por esta razão, os bordos são também mais verticais e lisos.

**Figura 4**



**(a)** Bloco 1 - pormenores da intervenção humana detalhados na forma antropomórfica arredondada, de bordos verticais, de um dos lados menores (modelo 3D produzido com o software Polycam).



**(b)** Bloco 2 - pormenor da secção do filão revelando o desenvolvimento natural de cristais de quartzo.

O bloco 2, maior que o anterior, tem idêntica forma, laminar (113 cm de comprimento, 18 cm de largura numa extremidade, 44 cm de largura na parte mesial, 36 cm de largura na outra extremidade e 12 cm a 18 cm de espessura), que corresponde à espessura total da estrutura filoniana, formada por uma amálgama de cristais de quartzo subeuédricos com vários centímetros de comprimento (Figura 2b). Um dos bordos (direito) é progressivamente biselado por fraturas que aparentam ter sido provocadas pela rutura mecânica do filão. Esse biselamento por fraturação do filão de quartzo, embora possa estar relacionado com o processo utilizado na sua remoção e transporte para o local, não parece ter qualquer intervenção humana antiga (Figura 4b). A superfície maior e atual face superior, apresenta-se fortemente estriada (Figura 2b), e não erodida, o que justifica uma origem geneticamente semelhante à do bloco 1.

Excluindo o saque de filão e o transporte, o bloco 2 tal como o bloco 3, ao contrário do bloco 1, não evidenciam intervenção humana na alteração da sua morfologia. Noutros blocos, existentes no mesmo local, observaram-se biselamentos análogos e as mesmas características morfológicas. A morfologia do bloco 3, de contorno subtriangular (Figura 2c), idêntica à do bloco 2, na perspetiva do geólogo, parece resultar da normal fragmentação da rocha filoniana.

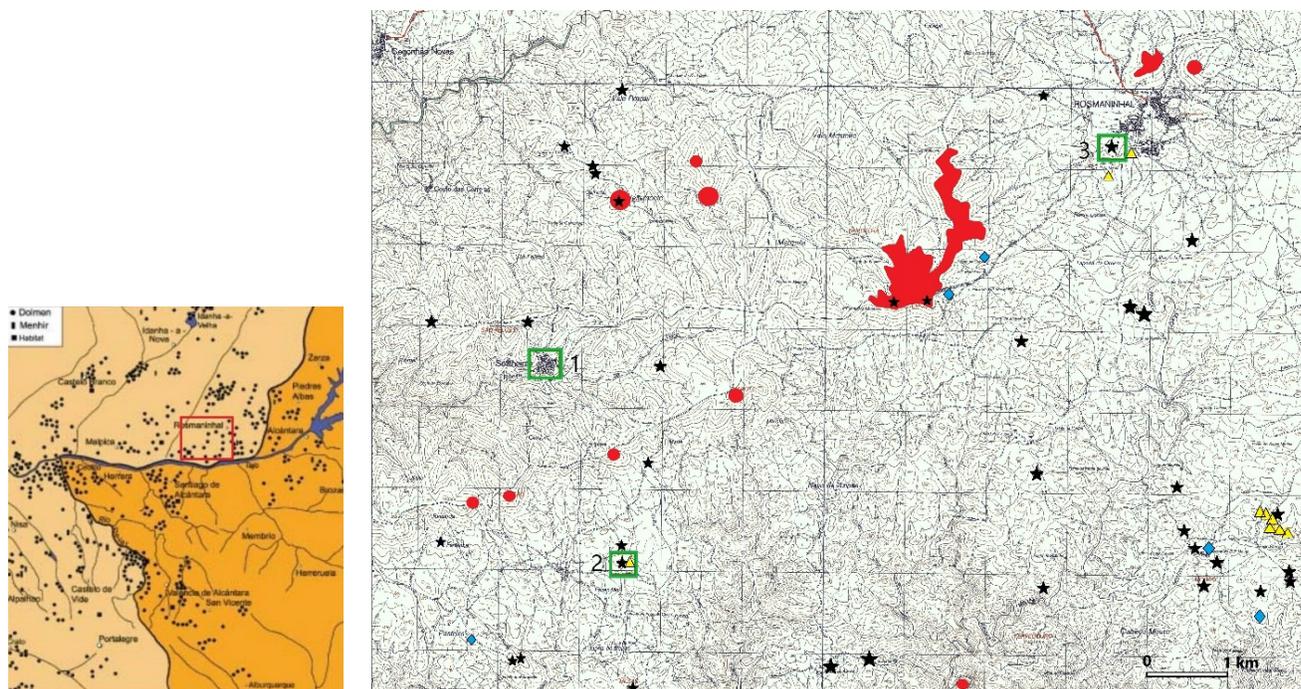
#### **4. Breve enquadramento arqueológico**

As investigações realizadas nas últimas décadas, em torno do chamado Tejo Internacional, em território português e espanhol, têm revelado uma elevada quantidade e densidade de arqueossítios atribuíveis à Pré-História Recente com destaque para os de tipologia megalítica (Figura 5a).

A freguesia de Rosmaninhal localiza-se nesta área arqueológica, posicionada na parte meridional do município de Idanha-a-Nova, entre os rios Tejo, Erges e Aravil, os dois primeiros na fronteira com Espanha. O seu território tem-se consagrado às atividades extensivas de pastorícia, produção de cereais e mais recentemente de caça. As práticas tradicionais de mobilização do solo e a escassa eucaliptização dos anos 80 (séc. XX) tiveram uma consequência positiva na salvaguarda de um diversificado património arqueológico pré-histórico, que mereceu uma particular atenção a partir do final dos anos 80 do mesmo século (Henriques *et al.*, 1993). Nesse contexto, foram investigadas dez sepulturas megalíticas (Cardoso *et al.*, 2003), algumas com reutilizações até à Idade do Bronze, e um menir que reutilizou um grande dormente de mó manual

(Cardoso *et al.*, 1995). Mais recentemente foram contabilizadas 105 construções funerárias dotadas de mamoa (Caninas, 2019).

**Figura 5.** Contexto arqueológico regional.



**(a)** Distribuição de dólmenes, menires e habitats no médio Tejo (Bueno Ramirez, 2006:23).

**(b)** Ocorrências arqueológicas do Neo-Calcolítico na área envolvente a sudoeste de Rosmaninhal, sobre extrato da folha 306 da CMP: quadrados verdes indicam estelas em estudo, em Soalheiras (1), Poçodo Chibo (2) e Cabeço da Forca (3); áreas vermelhas indicam sítios de habitat; estrelas pretas indicam sepulturas megalíticas; losangos azuis indicam arte rupestre; triângulos amarelos indicam menires e estelas.

Os sítios de *habitat*, contemporâneos dos monumentos megalíticos, ocorrem, sistematicamente, sobre os amplos depósitos cenozóicos que se conservam neste território. Os monumentos megalíticos assentam, preferencialmente, sobre as formações metassedimentares do Grupo das Beiras, embora existam inúmeras sepulturas sobre plataformas cenozóicas, nomeadamente entre os vértices geodésicos (v.g.) Abelheiros e Capitão e, a norte, entre os v.g. Cegonhas 2 e Corgas. Os grafismos rupestres ao ar livre, maioritariamente covinhas, ocorrem em rochas metassedimentares (Henriques *et al.*, 1993, 1995), mas são tipologicamente mais diversificados, com representações geométricas e antropomórficas, nas margens do rio Erges no limite oriental deste território (Henriques *et al.*, 2011; Caninas *et al.*, 2016). Acrescem a este panorama muitos achados isolados, identificados em campo ou recolhidos por populares e materializados em instrumentos de pedra polida, indústria lítica em quartzito ou sílex e cerâmica pré-histórica.

De entre as estelas já publicadas, merecem destaque o ídolo diademado de Zebros (sítio localizado a norte de Soalheiras), atribuída ao Bronze Antigo (Cardoso, 2011), associado a uma pequena mamoa (Henriques *et al.*, 1993), e uma estela de guerreiro, sobre quartzito (Henriques *et al.*, 2012), atribuível ao Bronze Final, identificada no mesmo sítio. Ainda em Zebros foi identificada, por dois dos signatários (Mário Chambino e Francisco Henriques), uma terceira estela, ainda inédita, também em quartzito, com um esboço de escudo de guerreiro.

Para este estudo, reduziu-se a área de enquadramento ao setor sudoeste da freguesia de Rosmaninhal (Figura 5b).

## 5. As estelas de Soalheiras, Poço do Chibo e Cabeço da Forca (Rosmaninhal)

A estela antropomórfica de Soalheiras (bloco 1) foi caracterizada nos apartados anteriores. Importa salientar que a cabeça desta estela está bem individualizada e contornada. Os ombros estão desnivelados, sendo o esquerdo mais baixo que o direito, e apresentam diferentes larguras. Observa-se um estreitamento progressivo, do corpo da estela, entre os ombros e a base, na perspetiva da sua fixação no solo. Estas características conferem-lhe valor arqueológico, em contexto pré-histórico.

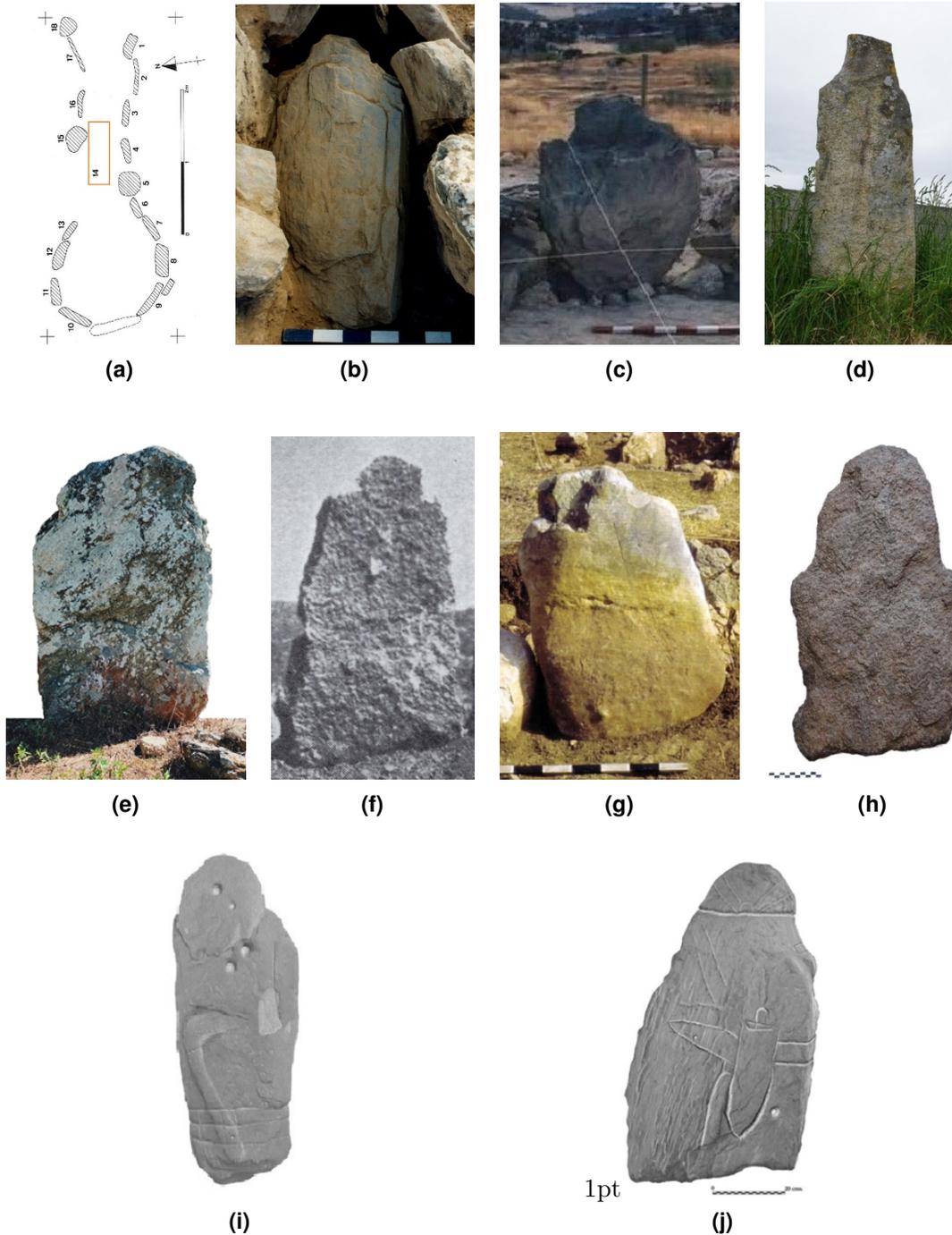
Segundo informação do senhor José Branco (Soalheiras), o bloco 1 esteve integrado, em posição vertical, num muro de blocos de rochas metassedimentares, próximo do caminho que percorria, quando era criança, entre a sua casa e a escola (Rosmaninhal). Em momento posterior, o senhor Manuel Torres (Soalheiras) confirmou a informação e conduziu-nos ao local onde a estela esteve implantada. O muro situa-se cerca de 3 m a sul do caminho que sai da povoação para este, ao longo do Ribeiro da Velha. Atualmente, é um muro baixo, em mau estado de conservação. Integra outros blocos de quartzo leitoso, um deles de grande dimensão. O segundo informante referiu a existência de um amontoado de quartzo leitoso a algumas centenas de metros para leste deste lugar e a cota mais elevada. Esse sítio (Figura 1b) corresponde à mamoa da Marota (Henriques *et al.*, 1995:135).

Como referido anteriormente, os blocos 2 e 3, ao contrário do bloco 1, não evidenciam intervenção humana na alteração da sua morfologia. Contudo, numa observação estritamente arqueológica da face maior do bloco 2 releva-se a sua configuração subantropomórfica, com uma progressiva redução de largura entre a zona mesial superior (ombros) e o topo (cabeça). A base é regular, mas ligeiramente oblíqua, com uma forma que proporcionaria uma fácil fixação no solo. Atendendo à sua configuração, e embora na ausência de indícios de afeiçoamento, não se deve excluir a possibilidade de ter sido utilizado em contexto arqueológico.

No território de Rosmaninhal conhecem-se duas outras estelas antropomórficas (Figura 5b, 2 e 3), integradas em sepulturas megalíticas intervencionadas no âmbito do Projeto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português, as antas do Poço do Chibo 1 e do Cabeço da Forca (Henriques *et al.*, 1993; Caninas *et al.*, 1998 e 1999; Cardoso *et al.*, 2003), embora tenham como suporte rochas metassedimentares.

Poço do Chibo 1 (CNS 12041) situa-se sobre rochas metassedimentares do Grupo das Beiras, 750 m a leste de Alares, povoação abandonada há cerca de um século (Chambino, 2000), e 2330 m a susudeste da aldeia de Soalheiras, à cota de 292 m. A estrutura interna (Figura 6a) é constituída por pequena câmara subcircular de 1,4 m de diâmetro e corredor de 2,4 m de comprimento, estando bem diferenciados em planta. A câmara teria nove a dez esteios, em rochas metassedimentares, dos quais apenas oito se conservam. Um dos esteios ausentes corresponde à cabeceira. Das várias sepulturas escavadas na área do Rosmaninhal esta é a única que tem esteios em quartzo filoniano, cinco no corredor, dois no lado norte (15 e 18) e três no lado sul (1, 4 e 5), entre os nove que se conservam atualmente. Sendo uma situação rara neste território não é incomum no espaço peninsular, como se pode observar em El Teriñuelo, tanto na câmara como no corredor (Tejedor Rodríguez *et al.*, 2017). A mamoa de planta subcircular, com 11 m no eixo este-oeste, 8 m no eixo norte-sul e menos de 1 m de altura, é constituída essencialmente por quartzo filoniano, além de terra e blocos de metassedimentos. Ao invés, a incorporação de quartzo nas mamoas é uma característica invariante do megalitismo funerário de Rosmaninhal. A partir da arquitetura e espólio, embora escasso, foi atribuída uma cronologia do início do 3<sup>o</sup> milénio a.C. Junto a este monumento existe uma estátua zoomórfica com decoração na face oriental.

**Figura 6**



(a) Poço do Chibo (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova), planta da anta onde se assinala a posição da estela em posição correspondente ao esteio 14 (Henriques *et al.*, 1993; Cardoso *et al.*, 2003); (b) Poço do Chibo, vista da estela (esteio) tombada no interior do corredor (Caninas *et al.*, 1998); (c) esteio da anta do Cabeço da Forca (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova) (Caninas *et al.*, 1999); (d) menir de São Bartolomeu do Mar com 2,1 m de altura (crédito fotográfico: <https://www.municipio.esposende.pt/pages/765>); (e) esteio da anta das Casas do Canal 6 com 2,2 m de altura (Monteiro & Caninas, 2022); (f) estela da cista megalítica de Buço Preto 7 (Monchique), com 68 cm de altura (Viana *et al.*, 1954; Carvalho, 2024); (g) estela-menir de Padrão 8 (Gomes, 2024); (h) estela da mamoa da Cova da Moura (Viana, 1955; Oliveira, 2024); (i) estela de Cañamero, Cáceres (Bueno Ramirez *et al.*, 2011:153); (j) estela de Alconétar, Cáceres com 103 cm de altura (Bueno Ramirez *et al.*, 2011:151).

Em Poço do Chibo 1 interessa realçar a presença de um esteio, em filito, tombado no interior do corredor (14 na Figura 6b), atendendo à sua configuração antropomórfica. Tem 108 cm de comprimento total, 47 cm de largura mesial e cabeça com 18 cm de altura. O topo foi claramente afeiçoado de modo a proporcionar-lhe um atributo antropomórfico, com recorte em forma de cabeça, semicircular, e ombros, inclinados. A superfície visível é irregular e não se observaram grafismos. Na face exposta pela intervenção arqueológica, evidencia-se uma segunda representação antropomórfica, em relevo, com contorno de cabeça semi-circular, ombros igualmente inclinados, tronco sub-retangular com limites paralelos aos bordos laterais da estela, e base triangular. Esta figura, embora incompleta no contorno do lado esquerdo, ocupa a maior parte da face da estela. Além da forma, a intencionalidade desta representação está evidenciada por uma incisão antrópica, linear e profunda, a reforçar o limite lateral direito do corpo desta representação.

Esta estela, qualificada como esteio-estela no relatório de escavação (Caninas *et al.*, 1998), terá sido reutilizada como esteio (14) no alinhamento norte do corredor entre os esteios 13 e 15 (Figura 6a), com o eixo longitudinal em posição horizontal, tendo tombado para o interior do corredor, num momento de abandono da estrutura funerária. Essa posição secundária significaria uma anulação do seu valor simbólico, como estela antropomórfica. Contudo, fica por determinar a sua posição primária, como estela em posição ativa. Uma possibilidade reside no vazio existente na cabeceira da câmara, embora se constate que a largura disponível entre os esteios 9 e 10 é superior à largura do esteio-estela.

A outra estela antropomórfica identificada no território de Rosmaninhal corresponde ao esteio de cabeceira da anta do Cabeço da Forca (CNS 7000). É um monólito, de filito, de forma suboval com 110 cm de altura e 90 cm de largura (Figura 6c). O topo exhibe uma cabeça larga, bem marcada por dois entalhes laterais, um de cada lado, e ombros estreitos sub-horizontais. Distingue-se da estela do Poço do Chibo por estar em posição ativa, posto a pino, bem inserido no respetivo alvéolo, embora inclinado para o interior da câmara, após colapso da subestrutura de cobertura.

A anta do Cabeço da Forca, identificado em finais da década de 70 do século passado (Henriques *et al.*, 1993: 66), localiza-se na Devesa, no sítio das antigas eiras e espaço de armazenamento de cereais para debulha, a sudoeste do núcleo antigo da povoação de Rosmaninhal e a cerca de 200 m a sul do edifício das escolas. Antes de intervenção arqueológica e reconstrução parcial (Caninas *et al.*, 2008) tinha presença muito discreta na paisagem, devido à baixa altura da respetiva mamoa, embora comparativamente ampla, com 14 m de diâmetro. Destacava-se apenas o topo do esteio de cabeceira, com 80 cm de largura e 30 cm de altura acima do solo. A escavação revelou uma câmara ampla, com 3 m de dimensão máxima, bem diferenciada, em planta e alçado, de um corredor com 6 m de comprimento, conjunto atribuível ao final do 4<sup>o</sup> milénio a.C. (Cardoso *et al.*, 2003). Os esteios, em filito, estavam muito diminuídos em altura por esfoliação, com exceção do esteio de cabeceira.

## 6. Outros exemplos de estelas antropomórficas

Para efeito comparativo destacam-se alguns exemplos de estelas, de feição similar às de Rosmaninhal, em diferentes contextos arqueológicos do ocidente peninsular, embora cientes da ampla representatividade deste tipo de monumentos no espaço eurasiático. Os casos selecionados estão representados nas Figuras 6 e 7.

A “*laje antropomorfa ou de sentido antropomorfo*” (Figura 6h), na aceção de Abel Viana (Viana, 1955), em bloco de gneisse, encontrada em escavação, na Cova da Moura (CNS 4335), em Carreço (Viana do Castelo), merece ser referida pela especificidade do seu contexto, uma grande mamoa (120 m e 48 m de medidas ortogonais na base e 8 m a 11 m de altura) de características atípicas, oportunamente revisitada no âmbito de dissertação de doutoramento (Oliveira, 2024: 852-912). Ao contrário de outros casos aqui tratados, esta peça tem uma cabeça desproporcionada em comparação com o tronco, atingindo 43 % da altura total

(56 cm). A configuração da cabeça, alta e larga, e o recorte dos ombros, embora estreitos, são bem evidentes. É referida a presença de outros atributos, gravados de forma discreta, por cavidades e sulcos, como olhos, nariz, boca, braços e sexo (Viana, 1955:490), características que a aproximam de uma proto-estátua (Oliveira, 2024: 895). Foram identificadas outras nove lajes antropomórficas, três das quais associadas a deposição de cinzas, carvões, esferóides e instrumentos de pedra lascada (Oliveira, 2012: 896). A grande mamoa ocultou uma necrópole de cremação, com uma ocupação entre o Bronze Médio e a Idade do Ferro, de acordo com artefactos recolhidos em escavação e recentes datações absolutas (Oliveira, 2024: 905-910). A par da peça da Cova da Moura são documentadas duas outras “*estelas de tendência antropomórfica*”, nos povoados de Santa Luzia e Cúturo (Oliveira, 2024: 258), esta última com um recorte idêntico à estela de Soalheiras.

O menir ou estátua-menir de São Bartolomeu do Mar (Jorge *et al.*, 1986), em Esposende, está implantado nas traseiras da igreja homónima, possivelmente em posição secundária, como padrão. É uma peça em granito (Figura 6d), de secção triangular, com 2,1 m de altura (Portal do Arqueólogo, CNS 11114). O afeiçoamento do topo do bloco conferiu-lhe clara feição antropomórfica, com cabeça trapezoidal, e ombros assimétricos, oblíquos e pouco pronunciados, sendo atribuída à Idade do Bronze (Alves, 2014). Exibe 19 covinhas, distribuídas por diferentes faces, que podem corresponder a utilizações tardias desta peça.

Em Estremoz, documentou-se recentemente (Monteiro & Caninas, 2022) um esteio de recorte antropomórfico na anta 6 das Casas do Canal - Corticeira (Leisner & Leisner, 1959; CNS 2283). O referido esteio, em rocha metassedimentar, de configuração sub-retangular, embora estreitando na base, tem 2,2 m acima do solo e não corresponde à cabeceira da câmara funerária. No terço superior da estela observam-se dois entalhes laterais que configuram cabeça larga e baixa e ombros incipientes (Figura 6e). Estes entalhes são tão discretos e os ombros tão incipientes como no menir de Gargantans, na Galiza (Bueno Ramírez & Balbín Berhmann, 1998: 47). Tal como observado no Cabeço da Forca (Rosmaninhal) releva-se o facto de os únicos esteios que se conservam íntegros, eventualmente por utilizarem uma rocha mais resistente, são as estelas antropomórficas.

A estela-menir 8 de Padrão (Figura 6g), em Vila do Bispo, é um monólito de calcário de forma laminar, com 1 m de altura, e exibe uma cabeça baixa e larga mediante aplicação de dois entalhes laterais no topo (Gomes, 2024: 130-131). Foi documentada em escavação, adjacente a um pequeno menir ou bétilo, num conjunto de 15 menires, cinco dos quais formando um alinhamento (Gomes & Tavares da Silva, 1987), com cronologias entre o Neolítico Antigo e o Neolítico Final.

Ainda no Algarve Ocidental, mas em contextos arqueológico e morfológico distintos, merece destaque a estela identificada (Viana *et al.*, 1954) na cista megalítica de Buço Preto 7 (Figura 6f) e revalorizada em estudo recente (Carvalho, 2024). Esta peça, de litologia não especificada, tem uma configuração subtrapezoidal e 68 cm de altura (Carvalho, 2024: 87). A feição antropomórfica é determinada por dois entalhes no topo, formando uma cabeça baixa e ombros que aparentam ser horizontais. Integra um conjunto de três blocos que os descobridores qualificam como “*achado curioso, que se não tem, segundo cremos, apontado claramente em estações portuguesas, é o das três lajes anicónicas do túmulo 7 do Buço Preto [ ... ]. A posição em que encontrámos estas pedras – encostadas aos esteios do átrio, ou vestíbulo, e na posição vertical, mas sem fazer parte integrante da parede – não nos permite dúvidas sobre o seu significado*” (Viana *et al.*, 1954: 49), e que comparam com os achados da Cova da Moura (Viana, 1955), já citados. A posição destas peças suscita dúvidas acerca da sua atribuição cronológica, entre o Neolítico Médio e o Calcolítico (Carvalho, 2024: 91).

Para leste de Soalheiras, na província de Cáceres, podem citar-se dois exemplares (Alconétar e Cañamero) que partilham com os anteriores a configuração antropomórfica, mas que se diferenciam pela presença de uma iconografia diversificada, atributos gráficos que poderão significar processos de reutilização.

A estela de Alconétar, um bloco de metassedimento com 1,03 m de altura, foi encontrada num *tumulus*, reduzido a calhaus e blocos devido à erosão fluvial, nas proximidades de outros *tumuli* e de um povoado (Bueno Ramírez *et al.*, 2011:148-152). A cabeça foi individualizada por um sulco picotado e por um rebaixamento na rocha formando ombro, bem visível no lado direito (Figura 6j). Apresenta contorno assimétrico em relação ao eixo vertical. O lado direito do tronco é reto e o lado esquerdo, sem ombro, é

arqueado. Na face frontal estão representados um cinto e um punhal.

A estela de Cañamero, um bloco de metassedimento com 1,1 m de altura, também foi encontrada num *tumulus* de rochas, junto de uma sepultura megalítica (Bueno Ramirez *et al.*, 2011:152-154). O corpo tem lados direitos embora seja mais largo no topo do que na base. A cabeça, de configuração subcircular, destaca-se do tronco devido a entalhes laterais. Tal como no caso anterior, o contorno é assimétrico em relação ao eixo vertical, com ombro mais pronunciado no lado direito. Está gravada nas duas faces com baixo-relevo, picotagem e incisão. Na face anterior (Figura 6i) está representada uma alabarda, cuja parte inferior do cabo está sobreposta e presa ao tronco por três sulcos transversais paralelos, embora numa posição muito baixa para corresponder a um cinto. Na parte superior estão gravadas quatro covinhas, mas não definem olhos. Na face posterior observa-se rede compacta de linhas cruzadas, configurando uma cota de malha.

As assimetrias verticais observadas nas estelas de São Bartolomeu do Mar, Alconétar e Cañamero, em relação à amplitude dos ombros ou ausência de um deles, repetem-se noutros casos, como é o caso da “estátua” situada à entrada da câmara da sepultura megalítica de Guadalperal, em Cáceres (Bueno Ramírez & Balbín Berhmann, 2000: 355) ou na “estátua” de Os Campiños, na Galiza (Bueno Ramírez & Balbín Berhmann, 1998: 46).

Os exemplos apresentados documentam peças de contorno antropomórfico, muito diversificadas quantos aos contextos e cronologias, à sua altura (entre o ídolo e a estátua) e à forma e dimensões da cabeça (de contorno subcircular ou geométrico) e dos ombros (direitos ou oblíquos, largos ou reduzidos e simétricos ou assimétricos). Contudo, a feição antropomórfica é evidente em todos eles, mesmo sem uma iconografia complementar.

**Figura 7.** Estelas citadas no texto: (1) Cova da Moura, Santa Luzia e Cúturo (Viana do Castelo); (2) São Bartolomeu do Mar (Esposende); (3) Soalheiras, Poço do Chibo e Cabeço da Forca (Idanha-a-Nova); (4) Casas do Canal 6 (Estremoz); (5) Buço Preto 7 (Monchique); (6) Padrão 8 (Vila do Bispo); (7) Cañamero (Cáceres); (8) Alconétar (Cáceres).



Tem sido advogada uma longa genealogia da representação antropomórfica, escultórica e gráfica, desde o Neolítico até à Idade do Bronze, em diferentes escalas, desde as placas gravadas (em xisto ou grés) às estelas

e estátuas-menires (Bueno Ramírez *et al.*, 2011a; Gomes, 1997). De facto, e numa abordagem estritamente morfológica e de proporcionalidade, no que concerne à cabeça e aos ombros, são evidentes as semelhanças entre alguns dos casos apresentados neste texto e exemplares de placas de xisto, de recorte antropomórfico, do megalitismo funerário oeste-peninsular. As diferentes formas (dos ídolos às estelas) e interpretações que esses caracteres antropomórficos suscitam, desde divindades transcendentais até antepassados divinizados, foram bem documentadas em recente exposição peninsular (Bueno Ramírez & Soler Díaz, eds, 2021).

## 7. Considerações finais

A estela de Soalheiras, que suscitou este apontamento, bem como os esteios-estelas de Poço do Chibo e de Cabeço da Forca são casos evidentes de configuração simbólica evocativa da figura humana, num mesmo território (Rosmaninhal), como espaço de interatividade cultural, próxima, em contexto pré-histórico.

Contudo, comportam três situações diferenciadas em termos de estado e contexto. A estela de Soalheiras está fora de contexto arqueológico, embora se admita provável a sua proveniência da mamoa da Marota (estrutura dotada de blocos de quartzo leitoso além de terra), situada cerca de 700 m a leste da sua posição antecedente, em muro de divisão de propriedade (círculo branco na Figura 1), de onde foi transportada, em trator, há menos de dez anos, para a posição atual, na aldeia. Ao invés, as estelas de Poço do Chibo e Cabeço da Forca têm um contexto específico, identificado em escavação, ao estarem integradas nas estruturas ortostáticas de sepulturas megalíticas, embora com diferentes estatutos. A estela de Poço do Chibo estava em posição passiva (horizontal), reutilizada como esteio de corredor, enquanto a estela do Cabeço da Forca se encontrava em posição ativa (vertical) na cabeceira da respetiva câmara funerária. A reutilização de estelas e até de menires, inteiros ou fragmentados, nas estruturas de sepulturas, está aliás bem documentada no megalitismo europeu e bem perto daqui, na zona de Alcântara, nas sepulturas de Lagunita 1 e Maimón 2 (Bueno Ramírez *et al.*, 2015: 451).

Outro aspeto que importa realçar é o uso excecional de quartzo filoniano no território de Rosmaninhal, na forma de esteios (Poço do Chibo) e como suporte a uma estela antropomórfica (Soalheiras). Essa utilização considera-se excecional pela raridade da sua ocorrência, em Rosmaninhal, e pela dureza da rocha, implicando uma maior dificuldade no seu processamento. Contudo, reafirma-se que ao invés de excecional, o uso de quartzo leitoso nas estruturas monticulares (mamoas), mais do que comum, é invariante e distintivo deste conjunto, comparativamente com outros conjuntos regionais (Caninas, 2019). Esse uso acompanha uma elevada disponibilidade de filões e de calhaus e blocos, dispersos por aquele território.

Na face visível da estela de Soalheiras, em quartzo filoniano, não se observaram gravuras ou pinturas. Uma opinião definitiva requer a observação da face oposta, do assento, objetivo que obrigaria à sua mobilização com meios mecânicos adequados. A inscrição de gravações nas faces maiores desta estela exigiria a utilização de instrumentos em rochas mais duras do que o quartzo, embora não se exclua a possibilidade de usar o mesmo material, com esforço e persistência. Vestígios de pintura não são observáveis, macroscopicamente, nas faces visíveis.

As duas outras estelas de Rosmaninhal, em filitos, também não evidenciaram gravuras, por picotagem ou abrasão, ou pinturas de antiguidade pré-histórica. Estas rochas são menos duras que o quartzo, mas estão afetadas por esfoliação, processo erosivo que impede a conservação dessa iconografia, aliás documentada em diversas sepulturas da região de Alcântara (Bueno Ramírez *et al.*, 2006). A estela de Poço do Chibo parece exibir, de modo intencional, numa das faces, uma réplica, em relevo, do contorno antropomórfico da própria estela, a menos que se trate de uma coincidência natural, por esfoliação.

Além destes, existem na área de Rosmaninhal outros monumentos do mesmo tipo, entre bétilo, estela e menir, a que voltaremos logo que o tempo nos liberte para tal objetivo.

## 8. Fontes de informação

ALVES, L. B. (2014) – “Intermitências: A Arte e a Idade do Bronze no Ocidente Peninsular”. In *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Tomar: 1550p.

BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRANN, R. de (1998) – “Novedades en la estatuaria antropomorfa megalítica española”. *Archéologie em Languedoc*, 22: 43-60.

BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRANN, R. de (1998) – “Arte megalítico en la Extremadura Española”. *Extremadura Arqueológica*, 8. Mérida: 345-379.

BUENO RAMIREZ, P., BALBÍN BEHRANN, R. de, BARROSO BERMEJO, R., CERRILLO CUENCA, E., GONZALEZ CORDERO, A. & PRADA GALLARDO, A. (2011) – “Megaliths and stelae in the inner basin of Tagus River: Santiago de Alcántara, Alconétar and Cañamero (Cáceres, Spain)”. *British Archaeological Reports (BAR International), series 2219*, Oxford: 143 – 160.

BUENO RAMIREZ, P., BARROSO BERMEJO, R. & BALBÍN BEHRMANN R. de (2011a) – “Identidades y estelas en el calcolítico peninsular. Memorias funerárias en la cuenca del Tajo”. *Actas das IV Jornadas Raianas, Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*, Coord. Raquel Vilaça, Sabugal: 37-62.

BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. de; BARROSO BERMEJO, R. (2015) - “Human images, images of ancestors, identity images. The south of the Iberian Peninsula”. In Gabriel Rodriguez and Henri Marchesi (eds.), *Statues-menhirs et pierres levées du Néolithique à aujourd’hui*. Saint-Pons-de-Thomières: 443-455.

BUENO RAMÍREZ, P.; SOLER DÍAZ, J. A., eds (2021) – *Mobile images of ancestral bodies: a millennium – long perspective from Iberia to Europe*. Zona Arqueológica, 23. Museo Arqueológico Regional. Comunidad de Madrid. Alcalá de Henares: 401+399p.

BUENO RAMÍREZ, P.; BALBIN-BEHRMANN, R. de; CARRERA-RAMÍREZ, F. & BARROSO BERMEJO, R. (2006) - *Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional*. Santiago de Alcántara, Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.

CARDOSO, J. L.; GOMES, M. V.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1995) – “O menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova)”. *Estudos Pré-históricos*, 3, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu: 5-17.

CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (2003) – “Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova)”. *O Arqueólogo Português, Serie IV*, 21, Lisboa: 151-207.

CARDOSO, J. L. (2011) – “A estela antropomórfica de Monte de Zebros (Idanha-a-Nova): seu enquadramento nas estelas peninsulares com diademas e colares”. *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*, Sabugal: 89-116.

CANINAS, J.; HENRIQUES, F. & CARDOSO, J. L. (1998) - *Relatório da escavação da anta 1 do Poço do Chibo (Alares, Rosmaninhal, Idanha-a-Nova) no âmbito do Projeto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português*. Associação de Estudos do Alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

CANINAS, J.; HENRIQUES, F. & CARDOSO, J. L. (1999) - *Relatório da 1ª campanha de escavação da anta do Cabeço da Forca (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova) no âmbito do Projeto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português*. Associação de Estudos do Alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

CANINAS, J.; HENRIQUES, F.; SABROSA, A.; CHAMBINO, M. (2008) – “Trabalhos de reconstrução da anta do Cabeço da Forca (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova)”. *Açafa on line*, 1. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 14 p.

CANINAS, J.; PIRES, H.; HENRIQUES, F.; CHAMBINO, M. (2016) – “Rock art in Portugal’s border área”. *Rock Art Research*, 33 (1). Australian Rock Art Research Association. Melbourne: 79-88.

CANINAS, J. C. P. (2019) - *Megalitismo e Povoamento entre o Zêzere e o Tejo na Região de Castelo Branco – Identidades*. Tese para obtenção do Grau de Doutor em Arqueologia. Universidade de Évora.

CARVALHO, A. F. (2024) – “Lafões (Beira Alta) and Monchique (Algarve): piecing together the evidence from two megalithic areas in Portugal”. In J. Caninas, T. Pereira, P. Félix and I. Gaspar, eds, *Tumuli and Megalith in Eurasia*. Cambridge Scholars Publishing. Newcastle upon Tyne: 78-96

CHAMBINO, M. (2000) - Rosmaninhal - Lembranças de um Tempo Cheio. Associação de Estudos do Alto Tejo. Açafa, 3. Vila Velha de Ródão.

GOMES, M. V. (1997) – “Estátuas-menires antropomórficas do Alto Alentejo: descobertas recentes e problemática”. *Brigantium*, 10: 255-279.

GOMES, M. V. (2024) – Bêtilos, estelas e menires no Neolítico do extremo sudoeste peninsular. In Primitiva Bueno Ramírez e Jorge A. Soler Díaz, eds, *Ídolos, miradas milenarias desde el extremo suroccidental de Europa*. Junta de Andalucía: 121-140.

GOMES, M. V.; TAVARES DA SILVA, C. (1987) – Levantamento arqueológico do Algarve: concelho de Vila do Bispo. Secretaria de Estado da Cultura: 84 p.

HENRIQUES, F.; CANINAS, J.; CHAMBINO, M. (1993) - Carta Arqueológica do Tejo Internacional, 3. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 299 p.

HENRIQUES, F.; CANINAS, J.; CHAMBINO, M. (1995) – “Rochas com covinhas na Região do Alto Tejo Português”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (4), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: 191-202.

HENRIQUES, F.; CANINAS, J.; CARDOSO, J. L.; CHAMBINO, M. (2011) – “Grafismos rupestres pré-históricos no Baixo Erges (Idanha-a-Nova, Portugal)”. in P. Bueno Ramírez, E. Cerrillo Cuenca & A. Gonzalez Cordero, coord., *From the origins: The prehistory of the Inner Tagus Region*. BAR International Series 2219. Oxford: 199-217.

HENRIQUES, F.; CHAMBINO, M. Lobato & CANINAS, J. (2012) – “A estela de guerreiro (lusitano) de Zebros (Idanha-a-Nova)”. *Sabucule*, 4, Sabugal: 25-44.

JORGE, V. O. (1989) – Estela. *Arqueologia*, 20. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto.

JORGE, V. O.; BAPTISTA, A. M.; GONÇALVES, A. A. Bacelar (1986) – “Menir de S. Bartolomeu do Mar (Esposende)”. *Boletim Cultural de Esposende*, 9/10. Câmara Municipal de Esposende. Esposende: 13-21.

LABORATÓRIO DE ENGENHARIA E MINAS (2010) - Carta Geológica de Portugal, folhas 25-C, 25-D e 29-A.

MONTEIRO, M.; CANINAS, J. (2022) - Relatório preliminar de prospeção arqueológica do projeto de rearborização Ossa (Estremoz). Elaborado por EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia para Navigator Forest Portugal.

OLIVEIRA, N. T. Correia de (2024) - A Idade do Ferro do litoral norte de Portugal, entre as bacias dos rios Minho e Ave. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade (Volume I). Tese de doutoramento em Arqueologia. Universidade do Minho. Braga: 1715 p.

ROMÃO, J.; CUNHA, P. P.; PEREIRA, A.; DIAS, R.; CABRAL, J. & RIBEIRO, A. (2010) - Carta Geológica de Portugal à escala 1/50000 e Notícia Explicativa das Folhas 25-C, 25-D, 29-A, Rosmaninhal, Segura, Retorta (sector norte). Laboratório Nacional de Energia e Geologia: 54 p.

SOUSA, O. de (1996) - Estatuária antropomórfica pré e proto-histórica do norte de Portugal, dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

TEJEDOR RODRÍGUEZ, C.; ROJO GUERRA, M.; GARRIDO PENA, R.; GARCÍA MARTÍNEZ DE LAGRÁN, I.; PALOMINO LÁZARO, A. (2017) – “Biography” of a Megalithic monument: phases of use and closure at the passage grave of El Teriñuelo (Aldeavieja de Tormes, Salamanca)”. *Zephyrus*, 79. Universidade de Salamanca. Salamanca: 39-61.

VIANA, A. (1955) – A “Cova da Moura”. III Congresso Arqueológico Nacional (Galicia, 1953). Zaragoza: 481-497

VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; FORMOSINHO, J. (1954) – “Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique: relance das explorações nas necrópoles da Idade do Bronze, do ano de 1937 ao de 1949”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 15 (1-2). Porto: 17-54.